

## ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Clauder Arcanjo

clauderarcujo@gmail.com

# Respeito pelas palavras

## AÉCIO CÂNDIDO

professor da UERN, aposentado.  
Autor da obra Tempos do verbo

aeciocandidocuite@gmail.com



Quem vive da palavra deve respeitar a palavra. Deveria. Respeitar a palavra significa dar atenção ao sentido que cada uma delas possui. E ao contexto em que elas circulam. E ao grau de realidade que cada uma revela.

Pela palavra, as pessoas se entendem: comunicam umas às outras o que sentem e articulam ações conjuntas. As ações conjuntas remodelam o mundo. O homem, como indivíduo, é muito frágil; mas o conjunto dos homens, a humanidade, faz do ser humano o animal mais poderoso do planeta. Para o bem e para o mal.

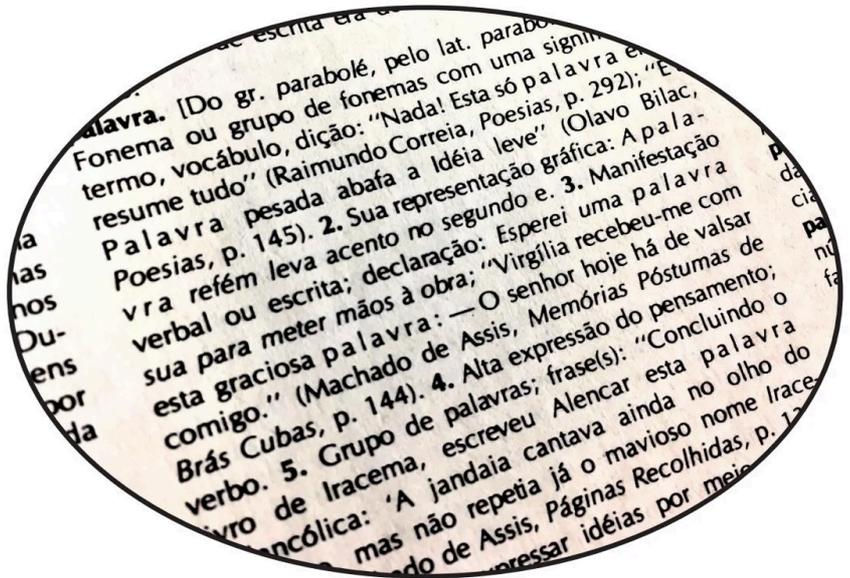
A comunicação humana é talvez a maior invenção da espécie.

A preocupação com a palavra, com a comunicação e com o rigor do discurso, é um atributo das organizações democráticas. O autoritarismo não deseja comunicação. A comunicação pressupõe uma certa igualdade de relações e conhecimentos. A comunicação ensina diálogo. Ao poder autoritário interessa a desinformação, a confusão de sentidos. Muito curiosamente, todos os traços da desinformação aparecem no livro 1984, de George Orwell ("Guerra é paz", "Liberdade é escravidão", "Ignorância é força"). Mudam-se os sentidos das palavras para confundir. A força precisa da confusão para se estabelecer como força. Não se trata da força do diálogo, de razões analisadas e sintetizadas em conclusões consensuais. Trata-se da razão imposta pela força.

Ariano Suassuna, escritor ciente de seu ofício, preocupava-se com o valor das palavras. Circula na internet um vídeo em que ele reivindica rigor para o uso do adjetivo "genial". Ele se mostra

surpreso com a manchete de um jornal de São Paulo em que o guitarrista Ximbinha, músico da banda Calypso, é chamado de genial. Ele reage com um argumento fulminante: "Se eu gastar o adjetivo genial com esse rapaz, como é que eu vou me referir a Beethoven, por exemplo?" O raciocínio de Ariano provém de um sentimento natural: para um escritor, um profissional da palavra, a ética (a responsabilidade com as mensagens que elabora) e a estética (a responsabilidade com a construção da beleza) impõem esse cuidado.

Temos no país 2 milhões e 400 mil professores da educação básica e mais de 300 mil professores do ensino superior. Temos pelo menos 580 mil religiosos à frente de congregações, se considerarmos que existem no Brasil 580 mil templos de todas as denominações religiosas e cada um destes tem um pastor, padre, mãe-de-santo, rabino ou imã conduzindo-o. Temos mais de 1 milhão e 300 mil advogados e quase 39 mil jornalistas. Todos eles têm a palavra como ferramenta de trabalho. O produto do trabalho dessa gente — aulas, projetos, artigos, sermões, processos, teses jurídicas, defesas — é a palavra materializada. Esse número gigantesco e impressionante de trabalhadores intelectuais, dispensados, pelo nível tecnológico da sociedade, de atuarem na produção de bens materiais, nos dá margem a pensar: e se todos que dependem da palavra para sobreviver fossem rigorosos com o uso dela? Uma resposta rápida: não deixaríamos de ter manipuladores, mas o trabalho de convencimento exercido por um Pablo Marçal, um Silas Malafaia, um André Valadão seria mais difícil.



O convencimento enganoso envolve dois personagens apenas: um otário e um sabido. Bastaria apenas os professores, pagos para elevar o nível educacional da população, fossem mais rigorosos com a palavra, com a que preferem e com a que escutam, haveria menos otários no país. Professor crítico das ideias recebidas atua com mais criticidade na formação de seus alunos.

O desprezo à palavra, expresso pelo pouco caso com a verdade, contaminou toda a política. Não apenas a direita, mas também a esquerda, nela incluída os movimentos sociais, demonstram hoje pouco apreço pela verdade. É praxe a hiperbolização dos discursos. O exagero falseia a realidade e não condiz com quem precisa da verdade para produzir intervenções nela. Naturaliza-se o fato de que a política é apenas campo de ataque pessoal e não de debate digno de ideias e de formas de melhorar gestões. A esquerda costuma conduzir um debate infinitamente mais qualificado do que a direita, mas não está livre das hiperbolizações comprometedoras. Há poucos dias, uma líder indígena pro-

vocou reações do presidente da República ao proferir diante dele um discurso cheio de afirmações hiperbólicas.

Há gente que sustenta que no país não há liberdade de expressão, que estamos em uma ditadura, que o comunismo está invadindo o Brasil, que a liberdade religiosa está sendo ameaçada. Que um professor, um advogado ou mesmo um pastor ouçam esse tipo de afirmação sem se arrepierem, é trágico. Se a afirmação não causa espanto é porque eles nunca pensaram essas palavras com o rigor que elas exigem: liberdade de expressão, ditadura, comunismo e liberdade religiosa têm sentidos muito claros, e, decididamente, não são os mesmos que esses emissores lhes dão.

O respeito à palavra é o respeito à verdade. As palavras devem servir para expressar a verdade. E elas expressam a verdade quando encontram correspondência com a realidade. É a realidade quem concede à palavra o caráter de verdade. Isso a escola pode e deve ensinar. Tudo começa com o rigor em relação ao uso das palavras, em cada disciplina, em cada campo de estudo. Um

rio é um rio, não é um lago nem o mar; um substantivo não é um verbo nem um adjetivo; um triângulo não é uma circunferência nem um quadrado; fonema é diferente de letra. Sistematizar o conhecimento é dar acesso ao mundo, à realidade natural e à social.

O rigor do discurso é filho da lógica. E lógica se aprende. O reforço ao ensino da gramática, da análise literária, da teoria da comunicação, da aritmética, da álgebra e da geometria reforçam o aprendizado da lógica. Infelizmente, há no meio escolar quem acha que enxergar o ensino por este prisma é referendar uma atitude elitista. Não sabem eles que a excelência do ensino é a ferramenta mais revolucionária que existe para enfrentar as desigualdades na sociedade contemporânea.

Em suma, a educação pública precisa fornecer ferramentas para se compreender o mundo. E isto começa com o aprendizado rigoroso das palavras e dos conceitos de cada disciplina. Educação de segunda classe não favorece a democracia nem o enfrentamento das desigualdades.

## De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda.. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

**Direção Geral:** César Santos

**Diretor de Redação:** César Santos

**Gerente Administrativa:** Ângela Karina

**Dep. de Assinaturas:** Alvanir Carlos

www.defato.com **E-MAIL:** redacao@defato.com

**TWITTER:** @jornaldefato\_rn

**REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE:** Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN — CEP: 59.063-160

**TELEFONES:** (084) 99836-5320 (Mossoró)

**COMERCIAL/ASSINATURAS** (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685